

13ª JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

FILOSOFIA

CAMUS: O DESCONFORTO DA CULPABILIDADE

1Aline Barreto Pais (IC-UNIRIO) ; 1 Andrea Bieri (orientadora)

1 – Departamento de Filosofia e Ciências Sociais (DFCS), Faculdade de Filosofia, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Palavras-chave: mentira, Camus, ódio.

INTRODUÇÃO

O ponto de partida do estudo iniciado por mim e que dá título ao meu subprojeto de pesquisa tem sua base no texto *Le Mensonge*, de Jankélévitch, onde é proposta uma análise daquilo que o autor chama de pseudogorias e de temas correlatos, tal como o problema da duplicidade, presente, por exemplo, na hipocrisia, no mal entendido, na omissão. Segundo o autor, é da intenção de enganar que nasce a mentira e isto faz da mesma algo diferente das outras pseudogorias. Daí deriva o princípio de que a consciência mentirosa é uma consciência duplamente consciente, pois é necessário que haja a consciência da inocência para que a mesma seja ultrapassada. Dessa forma, não há mentira sem o querer. Porém, para que o texto de Jankélévitch seja compreendido de maneira satisfatória, fez-se necessária a leitura de outros autores, que produziram importantes textos sobre esse mesmo tema, em épocas e perspectivas muito variadas.

Na segunda fase do projeto *Peripseus*, dediquei-me ao estudo do texto *Estado de Sítio*, de Albert Camus, no qual (diferente de Jankélévitch, cuja grande questão concerne à mentira intrasubjetiva) pôde ser observada uma abordagem relacionada à política. Camus estabelece aí uma articulação entre mentira, liberdade e democracia; com especial ênfase nas relações entre mentira e ódio.

A questão colocada por Camus tem a ver com a mentira em seu caráter coletivo. Entretanto, diferentemente de outros autores contemporâneos a este e que investigaram sobre o mesmo tema, não encontramos em Camus tanto a relação entre mentira e política por um viés tecnológico, mas sim por meio da palavra, pelo viés discursivo.

No atual estado de minha pesquisa trata-se de analisar o texto *A Queda*, do mesmo autor, onde este relata a história de um advogado que julgava a si mesmo como homem correto e de bem com todos ao seu redor. O personagem exalta cenas de aparente generosidade e satisfação com tal, como quando ajuda cegos a atravessar a rua, dá esmolas a mendigos ou ajuda seus clientes. “Tinha fama de generoso também, e eu o era. Dei muito, em público e em particular. Mas, longe de sofrer, quando era preciso separar-me de um objeto ou de uma quantia em dinheiro, extraía daí constantes prazeres.” (pag. 10) Em síntese, um homem superficial, leviano, que aparentemente vivia de acordo com suas virtudes cristãs e, satisfeito com tal, envia-decia-se de seus próprios feitos, além de acreditar que sua profissão o livraria de qualquer julgamento ou amargura de outrem, visto que servia sem dever, pois ocupa apenas a posição entre aquele que julga e aquele a quem obrigava o reconhecimento. Deste modo, sentia-se generoso e feliz com sua condição aparentemente superior, até o momento em que percebe viver submerso numa esfera que não passava de uma grande ilusão, onde, na realidade, representava o bom homem por pura vaidade. Seus atos apenas satisfaziam seu próprio orgulho e egoísmo e tinham como objetivo obter sucesso e a aceitação de todos. Logo, percebe que não tinha amigos e não sabia usufruir do amor, pois ocupava-se dos outros em virtude do amor que dedicava a si próprio: “Tive em minha vida pelo menos um grande amor, de que fui sempre eu o objeto” (pág. 25). Assim, na lucidez de suas próprias fraquezas, torna-se um homem desconfiado e, logo, amedrontado pelo incessante e cruel julgamento por parte de todos ao seu redor: “Já que sangrava um pouco, estava totalmente perdido: iriam devorar-me.” (pág 31)

O personagem aponta, ainda, cenas da própria hipocrisia e da sociedade na qual está inserido, quando assume enojar-se dos outros enquanto conhece e lamenta suas fraquezas e quando trata, por exemplo, das relações de poder: “Cá entre nós, a servidão, de preferência sorridente, é, portanto, inevitável. Mas não devemos reconhecer isso. Quem não pode deixar de ter escravos, não fará melhor chamando-os de homens livres? Por princípio, em primeiro lugar, e depois para não desesperá-los. Esta compensação certamente lhes é devida, não acha? Desse modo, eles continuarão a sorrir e nós ficaremos com a consciência tranquila.” (p. 19)

Segundo Camus, a defesa dos homens está na maldade, pois estes apressam-se em julgar para que não sejam eles mesmos julgados, enquanto escondem-se na ideia de sua própria inocência mesmo que isso implique em acusar o gênero humano. Assim, afirma que a sinceridade não pode ser condição de amizade, e que o gosto pela verdade não passa de vício, conforto e egoísmo, e, deste modo, a afeição assume como base a mentira: “Tanto isso é verdade que raramente nos abrimos com quem é melhor que nós. De preferência, fugimos a esse convívio.” (pág. 33)

A morte do corpo apresenta-se, então, como um castigo capaz de absolver a tudo. No direito de desaparecer por completo encontra-se a salvação com a agonia. O desconforto do personagem diante de tal constatação o leva não só à recusa dos elogios, que pareciam enaltecer a mentira na qual mergulhara, mas a agir de modo que, intimado pela verdade, pudesse destruir sua própria reputação lisonjeira.

É possível observar a relação que se estabelece nos argumentos apresentados por Camus ainda com os dias de hoje, elucidando questões pertinentes à atualidade e fornecendo importantes elementos para que se mantenha um pensamento acerca do modo como se configurou a mentira e ainda se configura atualmente.

OBJETIVO

Nessa etapa da pesquisa, tenho por objetivo o estudo focado na visão de Camus, tendo por base o texto *A Queda*, buscando a compreensão da relevância das noções propostas pelo autor em relação ao contexto em que a obra foi criada e em relação ao contexto histórico e sócio-cultural que é o nosso, além de identificar as tensões

13ª JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

(proximidades e rupturas) estabelecidas pelas ideias do autor em relação à tradição filosófica, com o intuito de uma busca pela melhor compreensão da forma como pode ser abordado o tema da mentira em diferentes contextos.

METODOLOGIA

Pesquisa do texto em questão e de bibliografia complementar; produção de fichamentos sobre o texto principal e dos textos de comentadores designados pela orientadora, leitura e debate no grupo de estudos coordenado pela orientadora, elaboração de um texto sobre esse assunto, com o objetivo de apresentá-lo no Colóquio de filosofia.

RESULTADOS

Tendo cumprido a proposta da primeira etapa do projeto, fez-se possível o estudo necessário para elucidar de modo satisfatório uma introdução a estudos mais profundos. Os resultados obtidos dizem respeito à compreensão da posição de Camus na história da filosofia e da diferença no seu modo de abordar o problema da mentira em relação a outros autores antes analisados.

CONCLUSÃO

A obra de Camus não está limitada a um passado acabado, pois mesmo estando historicamente delineada, encontra-se ainda ativa para uma leitura totalmente contemporânea, onde podemos ler uma metáfora da dissimulação dos países de primeiro mundo para com os de terceiro, tanto quanto as guerras eclodidas de um fanatismo ou ambição e, sobretudo, a ausência de valores éticos que fundamentem relações entre diferentes povos.

A atual etapa do projeto não se trata mais da análise de textos cuja mentira restringe-se às esferas subjetiva, inseparável de uma esfera privada. Trata-se, ao invés disso, de ressaltar questões inerentes ao coletivo, onde a mentira encontra-se dirigida aos indivíduos que fazem parte de uma coletividade.

Para Camus, o ódio, visto em si mesmo, é uma mentira, pois este nega aquilo que em “qualquer homem” merece compaixão. Entretanto, há também a mentira sem o ódio, e, inclusive, a possibilidade de que esta se apresente por amor próprio. Porém, aquele que odeia acaba por odiar a si mesmo, de certo modo. Logo, é estabelecido um elo entre a mentira e o ódio: não há formas possíveis onde haja o ódio sem que este esteja acompanhado da mentira. O mesmo acontece inversamente: não é possível dizer a verdade sem que o ódio seja substituído pela compaixão. Assim, se a mentira carrega consigo a tirania, esta traz ainda, como resposta à sua imposição, a revolta e o ódio. Citando o que seria uma espécie de cogito camuseano, “tudo é absurdo, logo, me revolto”. Assim, o absurdo se daria em um âmbito individual, enquanto a revolta surge no coletivo, pois esta instaura o diálogo, na busca da cumplicidade. “Eu me revolto, logo, nós existimos”.

A grandeza não se funda em mentiras, pois estas nunca elevam. Camus afirma assistir tempos de extrema decadência do amor e da verdade, onde homens justos e livres encontram-se em prisões e campos de concentração, enquanto os verdadeiros escravos ditam ordens ao mundo. Visto que, segundo este, a ideia de liberdade funda-se em não mentir, pois onde a mentira é reproduzida, está anunciada a tirania. Tal como o amor ou a inteligência, a verdade é algo que se constrói. A superioridade consiste em não mentir. Assim, para Camus, a justiça consiste em não chamar de “mínimo vital” aquilo que seria suficiente para fazer viver apenas uma família de cães, ou seja, esta consiste em não ocultar do proletariado os privilégios conquistados por toda uma classe trabalhadora no passar dos anos, pois, como já mencionado anteriormente, onde há mentira, há também a tirania.

Observa-se, na obra a ser trabalhada, toda a liberdade individual ser contestada a favor de um nivelamento medíocre, pois, sendo o homem medíocre, não há, então, permissividade para que qualquer outro venha a se tornar maior que este num sistema igualitário, que seria corroído por julgamentos e inveja, numa luta que evoca, incessantemente, a condição animal de todo ser humano. Assim, o mal revela-se em todos os lugares, em cada situação onde esteja em causa a sobrevivência de cada um, o que independe da condição social na qual se encontre.

Camus aponta, ainda, o equívoco das religiões ao pregarem a moral e seus mandamentos, pois, segundo o autor, a existência de Deus não se faz necessária para a criação da culpabilidade, tampouco para o castigo. Para isso, nós mesmos somos capazes de ajudar nossos semelhantes. Assim, o chamado “Juízo Final” realiza-se diariamente. “Então, a única utilidade de Deus seria garantir a inocência, mas eu vejo a religião antes de tudo como uma grande empresa de lavanderia, o que, aliás, ela foi, mas por breve tempo, precisamente durante três anos, e não se chamava religião. Desde então, falta sabão, andamos com o nariz sujo e nos assoamos mutuamente. Todos culpados, todos castigados, escarremo-nos, e pronto! Já para o desconforto!” (pág. 43)

REFERÊNCIAS

CAMUS, Albert. A Queda. Tradução: Valerie Rumjanek. Rio de Janeiro: Best Bolso, 2007.